

Uma sociedade ávida pelo Ter

Sempre que estou discutindo a relação entre ciência, tecnologia e sociedade torna-se cada vez mais claro, para mim, que a diferenciação filosófica entre TER e SER precisa ser entendida na sua profundidade. Para isso fui a busca de várias leituras e, dentre elas, destaco um livro de Erich Fromm de onde extraio esta “pérola” para esta edição de nossa revista.¹

“Como introdução ao entendimento da diferença entre os modos de ter e ser de existência, tomo como ilustração dois poemas de conteúdos semelhantes, que o falecido D.T. Suzuki mencionou em ‘Conferências sobre o Zen Budismo’. Um deles é um *haiku* de Basho, poeta japonês que viveu de 1644 a 1694; o outro poema é de um poeta inglês do século XIX, Tennyson. Cada um desses poetas alude a experiência semelhante: sua reação diante de uma flor que vê durante uma caminhada. Os versos de Tennyson são:

Flor nascida nas fendas de um muro,
Arranco-te e a raiz da fenda em que estás
E te contemplo toda, em minha mão.
Pequena flor – se eu entendesse
Quem és, raiz e pétalas, flor inteira,
O mistério de Deus e do homem eu saberia.

Traduzindo de maneira mais livre, o *haiku* de Basho seria assim:

Olhando eu cuidadosamente,
Vejo o nazuna florindo
Em meio à sebe!

A diferença é contundente. Tennyson reage à flor querendo *tê-la*. Ele ‘arranca-a’ ‘com raiz e tudo’. E não obstante conclua com uma especulação intelectual sobre a possível função da flor quanto a lhe dar a intuição sobre a natureza de Deus e do homem, a flor mesma é morta em consequência do seu interesse nela. Tennyson, como vimos neste poema, pode ser comparado ao cientista ocidental que procura a verdade mediante o desmembramento da vida.

A reação de Basho diante da flor é totalmente diferente. Ele não quer arrancá-la; não pretende nem mesmo tocá-la. Tudo o que ele quer é ‘olhar cuidadosamente’ para ‘vê-la’. Eis a interpretação de Suzuki:

‘É provável que Basho estivesse passando por uma senda campestre quando deparou com alguma coisa um tanto desprezada em meio à sebe. Chegou-se então mais perto, deu uma

¹ Fragmentos das páginas 36, 37, 38 e 39 do livro *Ter ou Ser* de Erich Fromm. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1980.

olhadela, e verificou que era nada menos que uma planta silvestre, muito insignificante e em geral despercebida dos passantes. Trata-se de um fato evidente relatado no poema, sem qualquer manifestação especificamente poética senão, talvez nas últimas duas sílabas que, em japonês, soariam *Kana*. Esta partícula, frequentemente aglutinada a um substantivo, adjetivo ou advérbio, significa certo sentimento de admiração ou louvor, tristeza ou alegria, e pode às vezes, muito adequadamente, ser traduzida por um sinal de exclamação. No presente haiku, todo o verso termina com este sinal’.

Tennyson, como se vê, precisa possuir a flor a fim de entender as pessoas e a natureza, e ao *tê-la*, a flor é destruída. O que Basho quer é *ver*, e não apenas olhar para a flor, mas identificar-se, ser uno como ela, e deixa-la viver. A diferença entre Tennyson e Basho é plenamente explicada neste poema de Goethe:

DESCOBERTA

Andava eu pelo bosque
Inteiramente só,
Ao léu, por nada
Pensar ou querer.

E percebi na sombra
Uma florzinha só,
Clara como as estrelas
Ou dois olhos brilhantes.

Fiz menção de arrancá-la,
Quando a ouvi dizer, suavemente:
Será para que eu morra
Que devo ser quebrada?

E tirei-a do chão
Com todas as raízes
E ao jardim conduzi
Para junto do lar.

E de novo a enterrei
Num tranquilo lugar
Onde ela vive e cresce
E está sempre florindo

Goethe, andando a esmo, despreocupadamente, é atraído pela florzinha brilhante. Narra ter sentido um impulso que era o mesmo como o de Tennyson: arrancá-la. Mas, diferentemente de Tennyson, Goethe se apercebe de que arrancá-la seria matar a flor. Porque, para Goethe, a flor vive de tal modo que fala e o adverte; e ele resolve o problema diferentemente de Tennyson ou Basho. Ele pega a flor, 'com todas as raízes', e planta-a de novo de modo que sua vida não seja destruída. Goethe situa-se, como de fato estava, entre Tennyson e Basho: para ele no momento crucial, a força da vida é mais forte que a força da mera curiosidade intelectual. Evidentemente, neste belo poema Goethe exprime o núcleo de seu conceito de natureza inquiridora.

O relacionamento de Tennyson com a flor está no modo de ter, ou posse – não posse material, mas de conhecimento. O relacionamento de Basho e de Goethe está no modo de ser. Entendo por modo de ser de existência aquele em que nem se *tem* nada, nem se *anseia por ter* alguma coisa, senão o emprego das faculdades produtivamente, alegre, numa *identificação* com o mundo.

Goethe, o grande amante da vida, um dos mais notáveis lutadores contra o desmembramento e mecanização da humanidade, exprimiu o ser em vez de o ter em muitos de seus poemas. O seu Fausto é um relato dramático do conflito entre ser e ter (este último representado por Mefistófeles), enquanto no poema seguinte ele exprime a qualidade de ser com a mais perfeita singeleza:

PROPRIEDADE

Sei que nada a mim pertence
Senão o pensamento que, liberto,
De minha alma fluirá.
E todo momento feliz
Que bem no fundo
Me deixe gozar
O bom destino.

A diferença entre ter e ser não é fundamentalmente uma questão de Oriente e Ocidente. É, isto sim, uma diferença entre uma sociedade centrada em torno de pessoas e outra centrada em torno de coisas. A orientação no sentido do ter é característica da sociedade industrial ocidental, na qual a avidez por dinheiro, fama e poder tornou-se tema dominante da vida. Sociedades menos alienadas – como a sociedade medieval, a indiana zuni, as sociedades tribais africanas que não foram afetadas pelas ideias modernas de 'progresso' – têm também seus Bashos. Talvez, após mais algumas gerações de industrialização, os japoneses venham a ter os seu Tennysons. Não é que o homem ocidental seja incapaz de compreender os sistemas orientais, como o Zen Budismo (como Jung pensava), mas o homem moderno é incapaz de compreender o espírito de uma sociedade que não esteja centrada na propriedade e na avidez. Na verdade, os escritos de Mestre Eckhart (tão difíceis de compreender como Basho ou Zen) e os de Buda são apenas dois dialetos de uma mesma língua."

Toda vez que me deparo com estas leituras renovo minha concordância com Snow - As duas culturas e uma segunda leitura - onde ele diz que só chegaremos a uma harmonia em relação ao conhecimento quando unirmos as áreas das humanas com as tecnológicas e quando tivermos claro a maior importância do ser em relação ao ter. Enquanto isso não acontecer, qualquer outra tentativa me parece devaneio.

Walter Antonio Bazzo
Janeiro de 2012